Johnny Hallyday e o Diabo: autópsia de uma lenda sulfurosa



A montagem circula há anos nas redes sociais e nos fóruns. Nela vê-se Johnny Hallyday, com a câmara ligada, afirmar que fala com o Diabo «todos os dias», precisar que não é uma brincadeira e explicar depois que a matrícula do seu carro, JH 666, não é acaso. Chega então a «confidência»: teria assinado um pacto para se reinventar e irá para o Inferno. É frequentemente acompanhada de um título de canção, «Je suis le fils de Lucifer» («Sou o filho de Lúcifer»), e de uma conclusão lançada em tom de revelação: as estrelas «quase todas assinaram» e o público continua a aplaudir.

O processo é eficaz: frases curtas, um rosto familiar, um número carregado de simbolismo. Resta saber que parte deste relato é documento, que parte é rumor e que parte é montagem. Seguimos a pista.

O que se pode realmente verificar

O facto mais sólido é também o menos espetacular. O pacto não aparece numa declaração filmada do artista, mas num **testemunho relatado** : em outubro de 2018, no programa «Radio Brunet» da RMC, o jornalista François Jouffa, apresentado como próximo do cantor, afirmou que este lhe confidenciara, «com toda a seriedade», ter assinado um pacto com o diabo. O excerto foi depois repetido sem cessar por sítios de tom religioso ou conspirativo.

> «Assinado um pacto com o diabo e que iria para o inferno» — palavras atribuídas a Johnny Hallyday pelo jornalista François Jouffa, RMC, 19 de outubro de 2018

Tendo o cantor falecido a 5 de dezembro de 2017, em Marnes-la-Coquette, estas palavras não podem ser confirmadas nem desmentidas pelo próprio. É o primeiro ponto a reter: trata-se de uma palavra relatada, sem gravação original conhecida, no quadro de uma conversa privada cujo tom ninguém consegue fixar (confidência séria, brincadeira ou provocação de um veterano do rock).

Quanto à frase «Converso com o diabo todos os dias», circula em fóruns desde pelo menos o final de 2018, sob a forma de um excerto de vídeo cuja fonte primária não conseguimos encontrar: nem programa, nem data, nem contexto de gravação. O mesmo se passa com a matrícula «JH 666»: não encontrámos nenhum documento, fotografia autenticada ou testemunho verificável que a estabeleça. Por fim, as nossas pesquisas não revelaram qualquer vestígio de uma canção intitulada «Je suis le fils de Lucifer» na discografia do artista. Estes três elementos devem, portanto, ser considerados **não comprovados**.

 © Activité-Paranormale 2009-2026

O contexto: um álbum póstumo e uma canção inquietante

O que deu uma segunda vida ao rumor foi a saída, em outubro de 2018, do álbum póstumo «Mon pays c'est l'amour», cujo primeiro tema se intitula «J'en parlerai au diable» («Falarei disso ao diabo»). A letra evoca um dia em que será preciso prestar contas, «respeitar o pacto» e sentar-se à mesa do diabo para dizer a sua verdade. Para os defensores da tese diabólica, é uma confissão; para outros, é um balanço de vida escrito por um homem gravemente doente que brinca com uma figura poética clássica.

O diabo, aliás, não era um desconhecido na sua obra: um título como «Un diable entouré d'anges» («Um diabo rodeado de anjos») já figurava no álbum «À partir de maintenant…» em 1980. O motivo é antigo e, sobretudo, *literário*.

666: um número que faz o trabalho por si

O número 666 é o «número da Besta» do capítulo 13 do Apocalipse. Alguns manuscritos muito antigos dão na verdade 616, o que lembra que a exegese desta cifra está longe de estar encerrada. Hoje, o 666 tornou-se um sinal de reconhecimento da cultura hard rock e metal, exibido por artistas que nele veem apenas um adereço de palco.

Um sítio militante católico tradicionalista afirma que Johnny Hallyday teria tatuado este número nos seus últimos anos, uma fonte a manusear com cautela dada a sua leitura abertamente religiosa. Mesmo admitindo o facto, provaria apenas uma coisa: o uso de um símbolo provocador por um cantor de rock, numa tradição que remonta aos anos setenta.

Fausto, Robert Johnson e Paganini: a longa história do pacto

O «pacto com o Diabo» não nasceu com o rock. A lenda de Fausto, fixada na Alemanha durante o Renascimento, é o seu arquétipo. No século XVIII, o violinista Giuseppe Tartini contou que sonhou que o Diabo lhe tocava uma sonata, que depois tentou transcrever na sua «Sonata do Diabo» (ou «Trilo do Diabo»). No século XIX, Niccolò Paganini, cuja virtuosidade deixava o público atónito, foi suspeito de feitiçaria. No século XX, o bluesman Robert Johnson herdou a lenda de uma alma vendida numa encruzilhada do Mississippi.

O esquema é sempre o mesmo: um talento considerado «demasiado grande» ou uma reinvenção considerada «demasiado súbita» pede uma explicação sobrenatural. A lenda diz menos sobre o artista do que sobre a dificuldade do público em aceitar o trabalho, o acaso e o génio como causas suficientes.

O rock, ou a arte de cultivar o lado sombrio

O rock fez do sulfuroso um negócio. Os Black Sabbath construíram a sua identidade sobre a imagética oculta, e o gesto dos «chifres», popularizado no metal por Ronnie James Dio, tornou-se a saudação de todo um público, sem significado religioso para a maioria de quem o faz. Neste contexto, um cantor que deixa pairar a dúvida sobre o seu trato com o infernal pratica uma forma de *storytelling*: o rumor alimenta o mito, e o mito alimenta as vendas.

No caso de Hallyday, figura do rock francês elevada a instituição nacional, este jogo com a sombra fazia parte de uma personagem construída desde os anos sessenta: o rebelde, o motociclista, o sobrevivente.

Análise crítica: porque seduz a tese do pacto

Três mecanismos explicam a eficácia do relato. O primeiro é a **apofenia**, essa tendência para ligar elementos sem relação (um número, uma canção, uma confidência) até formar um sistema. O segundo é o **viés de confirmação**: uma vez admitida a tese, cada título de canção ou cada gesto de palco torna-se «prova». O terceiro é a **releitura póstuma**: uma canção gravada por um homem consciente do seu fim próximo é lida à luz da sua morte, o que carrega cada

 © Activité-Paranormale 2009-2026

palavra de um sentido adicional.

Quanto à afirmação final, «quase todos assinaram», é **infalsificável** : nenhuma prova a pode contradizer, já que a ausência de pacto seria interpretada como um segredo bem guardado. É o sinal clássico de um raciocínio conspirativo, que não se apoia em factos concretos mas numa convicção. Oculta ainda um viés de sobrevivência: citam-se os artistas que tiveram sucesso, nunca os que teriam «assinado» sem nada obter.

Por fim, uma questão deontológica: a palavra da testemunha é relatada, o artista morreu e a montagem viral não fornece data, fonte nem contexto. Atribuir a um falecido declarações não verificáveis para fazer dele o exemplo de um sistema oculto tem mais de retórica do que de investigação.

O que reter

Um testemunho em segunda mão, difundido na RMC em 2018, atribui a Johnny Hallyday confidências sobre um pacto com o diabo. Uma canção póstuma de título evocador reavivou o debate. O resto do dossiê (um diálogo diário filmado, a matrícula «JH 666», a canção «Je suis le fils de Lucifer») não é, nesta fase, sustentado por nenhuma fonte primária que tenhamos conseguido encontrar. A história é fascinante, mas pertence ao folclore contemporâneo mais do que ao domínio dos factos comprovados. Se algum leitor dispuser do excerto de vídeo original, do seu contexto ou de uma fotografia da matrícula,

---

Satanismo - 29 septembre 2026 - Wakonda - CC BY 2.5